

OS CAMINHOS DO DESEJO

Resumo

O texto “Os caminhos do desejo” busca traçar um percurso onde os sujeitos/cidadãos se deparam com questões que surgem de seus itinerários singulares em que suas angústias e sintomas, demandam um espaço da palavra que possa dar respostas aos enigmas de suas vidas.

Palavras-chave: itinerários singulares, angústia, sintomas, espaço de palavra.

Abstract

“Ways of desire” text searches to draw a way where the subjects/citizens come across with questions that arise from their singular itineraries, in which their anguishes and symptoms claim a word’s space that could give answers to their life’s enigmas.

Keywords: singular itineraries, anguishes, symptoms, word’s space.

Ao iniciar este texto, intitulado “Os caminhos do desejo”, me vi numa encruzilhada, pensando por qual via seguiria para abordar as questões fundamentais que envolvem e que marcam a vida: o gozo, o desejo, a morte, o amor, a dor e a alegria de viver dos sujeitos que tecem seus laços sociais, que buscam se incluir nos circuitos pulsionais, na cena social.

Como pensar o mal-estar do sujeito na cultura contemporânea? Como pensar esse sujeito que vive na cidade e que tem que se virar com as questões que a vida não cessa de lhe colocar? É um sujeito que tem história, assim como a cidade em que ele vive tem história, tem seus mitos fundadores.

A cidade, como qualquer sujeito que busca análise, só mergulha no universo mítico de seu passado quando o novo o convoca a isso. Pode ser o novo do sintoma, do desejo, da dor ou do desprazer. O desconforto da transitoriedade faz do passado um assunto que volta, que retorna, que, de alguma forma, não para de acontecer concomitantemente, pois sua narrativa está sempre prestes a ser atualizada.

Vemos isso em análise, onde visitamos uma infância mítica segundo a versão mais desejante de nossos analisantes. Essa versão pode ser construída por uma coloração sintomática e aí os ardis do desejo ficam mais indecifráveis à primeira vista.

Então, ao pensar a cidade e seus sintomas, não a penso como um sociólogo ou antropólogo faria, mas à maneira de um psicanalista, que ouve nas falas do sujeito em seu percurso analítico as dimensões que vão se abrindo a partir de suas angústias, de seu desamparo, de seus medos, de sua solidão, mas fundamentalmente, de seus sintomas. Sintomas a serem decifrados como caminhos de acesso, talvez uma verdade mais secreta da qual o sujeito resiste a saber.

A cidade é o palco onde os sujeitos vivem seus dramas, comédias, tragédias.

O psicanalista, desse lugar privilegiado, escuta nas falas o desenrolar desses dramas, dessas paixões, demandas ao outro, queixas do que não teve, do que não tem, mas que, se tivesse, quão feliz poderia, talvez, ser! A esperança do amor, o gozo, a tristeza, a depressão, a rejeição, a dor do amor não correspondido, a solidão, a esperança de que um dia as coisas melhorem... A repetição, a compulsão que toma o sujeito impelindo-o a gozar incessantemente.

Eu não esqueço, claro, que o mundo se entende um pouco além do limite da singularidade dos nossos casos, e que a ética é a de um ato que do singular incide sobre o universal. Logo, entendo que a Psicanálise tem, desde seu espaço, desde seu campo, algo a dizer e, desde o seu dizer, intervir, também no que faz questão e impasse na polis.

Então, vemos que na cena social há queixas ou, pior ainda, a constatação sem queixa de um mal-estar que se anuncia precariamente, numa insipidez que reproduz a falta de relevo da existência na trivialidade de expressões impessoais: sinto-me indisposto, não me encontro em parte alguma, estou vazio, sinto um cansaço estranho, sinto uma certa depressão, certas hipocondrias errantes etc. Nada além de um mal-estar indefinível, indefinido, do qual acontece que só saímos produzindo sintomas dizíveis, finalmente falados. Mal-estar, *Umbehagen*. Este termo, que Freud utiliza, o faz a propósito, entre outras coisas, de uma forma de neurose que inclui na categoria de neuroses atuais, onde aparecem sintomas psicossomáticos, angústias difusas e onde há mais tensão do que conflito, mais estase e descarga do que crise, mais expressão do que criação, mais agir no corpo e no exterior,

do que deslocamento. Isso é neurose não criadora e como que esvaziada de desejo, capaz apenas de gerar suas tensões, sem jamais tomar partido.

A pergunta é se poderíamos chamar as novas formas de assintomáticas como fez Lacan em Variantes do Tratamento Padrão, uma espécie de contra-sintoma como estratégia para lidar com o mal-estar e o sofrimento.

O que chamo de contra-sintoma é o que não é o sintoma psicanalítico que é, por sua vez, o que impele o sujeito a querer falar disso! Ou seja, a possibilidade de fazer de seu sintoma uma pergunta, uma interrogação e que, então, possa iniciar para o sujeito um percurso novo na sua existência.

Sabemos, desde Freud, que o sujeito não nasce com um desejo constituído. O sujeito nasce para o mundo. Mundo já organizado pela lei do Outro (A) na condição de desamparo absoluto: o humano, sem cuidado de Outro não sobrevive. O sujeito nasce para a humanidade, para a condição de sujeito falante, por uma falha constituinte que, ao mesmo tempo, o divide como sujeito do simbólico, impulsionando a buscar novos caminhos para seu desejo. Sujeito do significante, sujeito da falta, limitado pela marca do outro, angustiado pelo reconhecimento de que o outro é um semelhante, isto é, falho como ele mesmo, induzido como ele a reeditar seu desejo sempre insatisfeito, por essência exposto como ele à queda, à neurose e à morte. Sujeito estruturado por sua divisão que o faz sujeito do desejo, através do reconhecimento mútuo, o reconhecimento do semelhante e de sua diferença, mediante as duas operações lógicas da alienação e da separação, que constituem sua estrutura, deixando sempre um resto de causa do desejo.

Para o sujeito contemporâneo, a tarefa é encontrar novas formas de desejar que mantenham o desejo vivo, mas com o conhecimento de que desejar é sempre um risco. O desejo, sabemos, nos arremessa num conflito sempre presente, já que nos envolve inelutavelmente com os outros e com nós mesmos.

Se retornarmos a Freud, acompanhando no seu trabalho clínico os caminhos pelos quais as soluções antiquadas da infância se tornaram repetições na vida do adulto, repetições como uma resistência à rememoração e com a memória cheia de lacunas. Isso chamou a atenção de Freud: o fato peculiar de que o sofrimento pode ser transformado quando palavras são aplicadas sobre as feridas. Quais feridas? As feridas narcísicas. Narcísicas porque a completude, o todo, o bem supremo se revelam faltosos. O que há é a possibilidade da destituição narcísica, a queda das certezas, quebrando as ilusões de completude.

Não já como responder à demanda de felicidade. Mas é verdade, também, que nesse nosso tempo contemporâneo, pós-moderno, a felicidade parece depender menos da harmonia dos vínculos sociais entre os homens, e mais dos objetos que, substituindo esses laços, anunciam o usufruto de um gozo universal. Mas esses imperativos de adaptação, felicidade, sucesso e harmonia não se mantêm, já que a pulsão é a manifestação destruidora criadora de um desejo que não pode ser satisfeito pelo utilitarismo que rege nosso universo simbólico.

Freud, desde sua cidade, Viena, inventou um campo quando começou a escutar algo novo, que ainda não tinha sido nomeado. A descoberta desse saber inconsciente ensinou a Freud, e a cada um de nós, quando ele se produz na experiência de uma análise, que falar não é sem consequências, que falar produz efeitos em quem fala, em seu corpo, em seu desejo, em suas relações com outros. Mesmo sem sabê-lo, o ser falante está afetado pelo que diz e também pelo que deixa de dizer. Está afetado de um modo particular e específico que faz do estilo de cada um o que constitui sua política e, por isso mesmo, sua economia libidinal, seu truque estratégico para estar no mundo.

Para Lacan, o que está em jogo numa análise é o advento no sujeito do pouco de realidade que esse desejo aí sustenta em relação aos conflitos simbólicos e às fixações imaginárias como meio de seu acordo. A divisão do sujeito constitui uma brecha aberta a todos os engodos. O sujeito, na verdade de seu desejo, está, portanto, oculto de si mesmo pela dimensão da linguagem. Contudo, o sujeito falante articula constantemente algo de seu desejo no desfile da palavra que, no entanto, hesita em se reconhecer aí.

Esse homem do qual falo não é aí o homem da razão iluminada, mas é ligado a um campo obscuro e inacessível, onde o sexo e a morte, a vida e a morte, confrontam a morte invadindo a vida e partindo-a num precisar e num desejar. Por isso o homem não sabe o que pede. O homem não sabe o que ele movimenta com seu pedido. Essas postulações convergem para a declaração lacaniana: o homem é determinado, no sentido da determinação objetiva, pelo discurso do inconsciente, o discurso do Outro. Assim sendo, o desejo do homem é o desejo do Outro.

Se o desejo do sujeito é desejo do Outro, haverá alguma responsabilidade para o homem? Lacan diz que a proposta ética da psicanálise é tornar-se sujeito deste assujeitamento, fazer da diferença sua marca singular e do acaso sua possibilidade de fala. Ser determinado, constituído pelo Outro e fazer deste desejo do Outro seu próprio desejo.

Então, para Lacan, a responsabilidade ética fundamental do homem está em incorrer na castração. Aquilo que constitui no homem o sujeito é a castração. Como chegar a isso? A castração simbólica?

Será o percurso que vai do sintoma ao sinthome?

No início está o sintoma analítico que revela que o que está em questão é a impossibilidade de se deparar com a castração do Outro, o que é sempre interpretado pela interdição do próprio sujeito.

Lacan nos mostra que o que a análise articula é que, no fundo, é mais cômodo sujeitar-se ao interdito do que incorrer na castração. O interdito significa a aceitação da proibição de uma possibilidade. A castração consiste na submissão à impossibilidade da opção.

O sujeito apela para um Outro com suas demandas incessantes, pois crê que esse Outro tem mas não lhe dá, ou atende às demandas do Outro, numa tentativa de mantê-lo todo. Nesse jogo de enganos, o sujeito se coloca demandante e se queixa da falta de um pai, de um homem, de uma mulher, da mãe, do marido, e até mesmo do analista que não o entende, que não dá aquilo que ele precisa.

Durante uma análise, o sujeito se despe dos revestimentos imaginários e vai do simbólico ao real deparando-se com o furo, falta radical do sujeito, com o vazio que comporta a pulsão. Com a constatação da incompletude e da inconsistência do Outro, produz-se uma resposta do real.

No início, o sujeito padece dos efeitos nocivos do gozo que o seu sintoma condensa. Ao final do percurso do trabalho analítico, o que aparece é uma nova relação do sujeito com o sentido e com o gozo que estavam implicados em seu sintoma. Ao produzir um sinthome, o sujeito estabelece um novo enlace com o simbólico da linguagem, com o imaginário do sentido sexual e com o real apreendido por um e outro. É esse novo enlace que Lacan denomina sinthome.

O sujeito tem, desde então, a possibilidade de desenhar no horizonte um traço que poderá ser, segundo o caso de cada um, um sinthome, ou seja, um novo saber fazer com seu sintoma.

Esse sujeito é, então, aquele que busca expressar os variados movimentos do desejo, é aquele que está mergulhado nas intensidades de seu tempo e que faz uso da linguagem que encontra para criar novos modos de expressão.

Para concluir, lançarei a seguinte questão: qual a resposta possível que a psicanálise atual pode dar para um sujeito imerso no mal-estar da cultura?

O mundo que compartilhamos com nossos contemporâneos, sujeitos, cidadãos, habitantes da pólis, tem sofrido mudanças drásticas e inesperadas em seus efeitos sobre a subjetividade e isso se pode ver tanto na clínica quanto na cena social. O homem, habitante da cidade, na sua busca pela felicidade, quer respostas que o ajudem a suportar a dor de existir. As neurociências, as religiões, a indústria dos psicofármacos tentam dar conta dessa demanda, buscando explicações ou oferecendo medicamentos que poderiam fazer cessar, teoricamente, esse mal-estar.

A psicanálise, por sua vez, não oferece explicações últimas, não oferece a felicidade, nem alimenta a esperança. O que a psicanálise oferece é a castração, ou seja, o fato de o sujeito deparar-se, inevitavelmente, com o fato de que a restituição narcisística do encontro com o objeto perdido é a ordem da impossibilidade. Se outros saberes oferecem a felicidade, oferecem a possibilidade de encontrar um bem supremo, ou um Outro que goza absolutamente, a psicanálise, por seu lado, não explica e não oferece sentidos.

Enfim, a psicanálise é diferente. Ela é a evidenciação da importância da transmissão da Lei do Desejo de geração em geração. Tal é sua descoberta: uma retomada da atual subversão que é a erótica junto a uma estética sustentada por uma ética.

Referências

LACAN, J. Seminário 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

LACAN, J. Seminário 2: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. Seminário 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. Variantes do tratamento padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Seminário 23: *Le sinthome*. Classe nº 4 — Verdades primeiras, de 13/01/1976 (Inédito).

PONTALIS, J.-B. *Perder de vista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

Alberto Philippi May

Psicanalista, membro da Trieb – Espaço de Psicanálise.